

pirolito

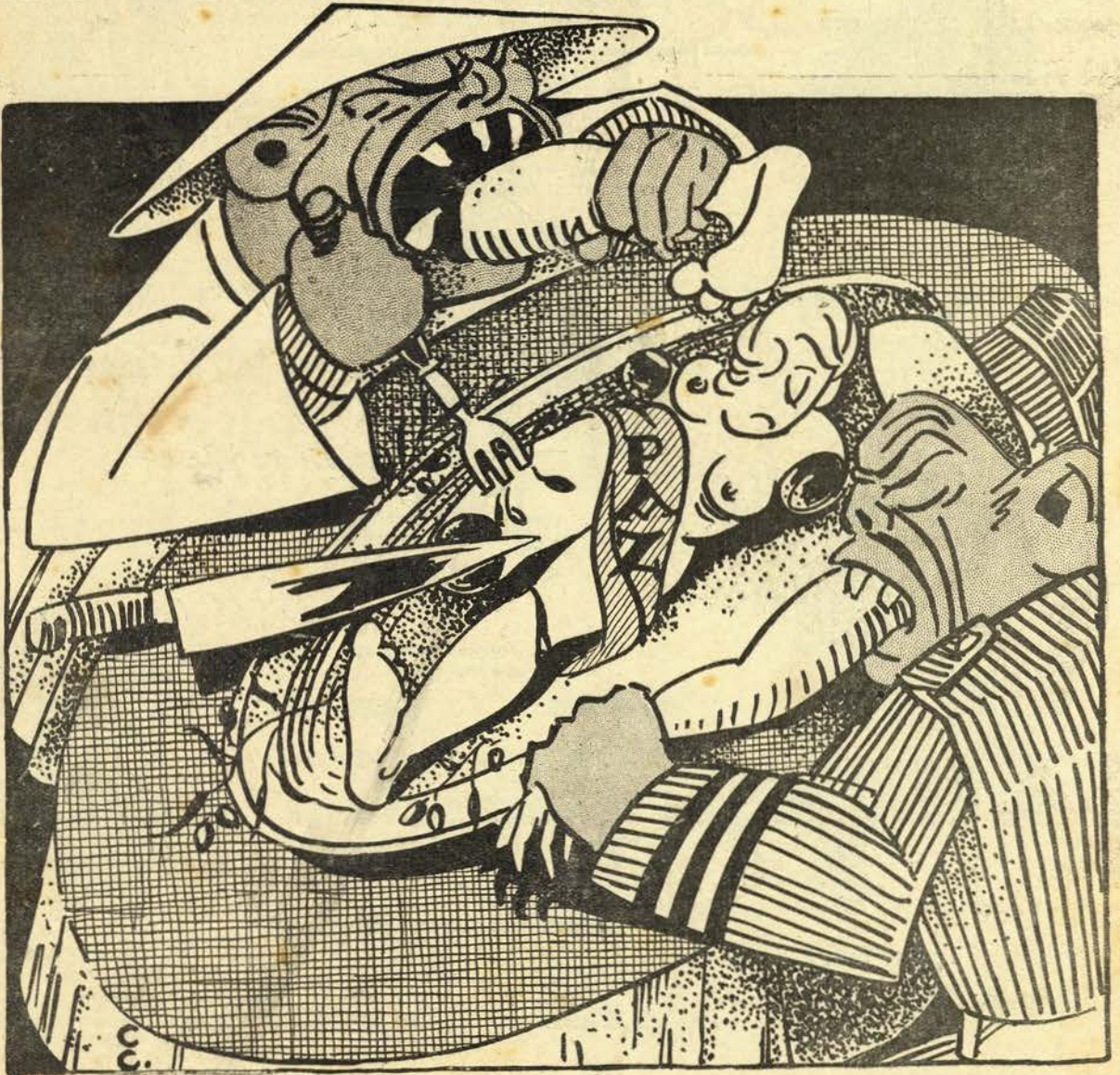
bate quem bate

Ano II - Num. 56

Sabado, 13 de Fevereiro de 1932

1 ESCUDO

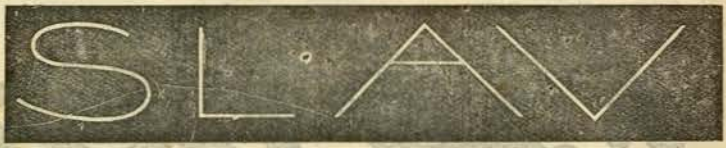
No restaurante da Sociedade das Nações



Banquete do desarmamento

A O E X E R C I T O

Apresenta a grande
marca americana



Os seus modelos de impermeáveis-agasalhos usados na Grande Guerra e autorizados pelo Ex.^{mo} Ministro da Guerra para uso dos nossos



«TRINCHEIR»

Modelo em voga, podendo usar-se a paisana ou fardado



«CLASSICO»

Tipo inglês e em grande moda

O F I C I A E S e S A R G E N T O S



«AZ»

Modelo em couro para a aviação



«CAMPANHA»

Modelo amplo, para a chuva e frio



«CAVALARIA»

Pode usar-se o tipo «Trincheira» ou «Classico»

Junta de vendas

153 - R. Sá da Bandeira - 157

(Em frente a Passos Manuel)

Peçam catalogos para

SLAV


39, Caneela - Velha PORTO

Compra

J. G F H

4

Dirigido por
Araldo Leite e Carvalho Barbosa
 Propriedade e Edição de Oliveira Valença
 REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA
 Canceia Velha, 39 — PORTO
 Telefone, 1058

Pirolito
 PUBLICAÇÕES


ASSINATURA
 12 números Esc. 11\$00
 24 21\$00
 Ano 40\$00
 Colonias (ano) 50\$00
 Brasil 60\$00

O CASO DA SEMANA

ou os muitos casos que se deram na semana

Morreu o Carnaval. Positivamente o Entrudo deu a alma ao criador. As mascaradas nas ruas pareciam almas dum outro mundo, mas ainda dentro do proprio cadaver, cheiravam mal. Fizemos esforços tremendos para um riso, um sorriso, um apontamento de graça, que nos fizesse esquecer toda esta vida de miseria e de tristeza. Nada, absolutamente nada conseguimos obter.

Dois ou tres matulões do sexo macho disfarçados de mulheres, sabe-se lá porquê!

Duas ou tres componentes do sexo femea disfarçadas de marmanhões, pela mesma razão.

E qualquer deles fazia a diligencia por meter na boca do proximo o maior numero de papelinhos possivel.

Desde que acabaram as bisnagadelas, as seringadelas, as etilizadelas e muito mais . . . elas, todos se dedicaram a dar de comer ao proximo.

São atitudes que dignificam uma raça mal arraçada e ainda por cima com um valioso enxerto de estupidez.

E nada mais!
 E se este ano aparecerem ainda os matulões e as matulonas invertidamente vestidos, para o ano nem esses aparecerão.

Morreu o Carnaval. Conservai-vos silenciosos durante um minuto por alma daquele que foi de vez para a ilha do sumiço.

Realizou-se na quinta-feira passada na Flôr do Bomjardim, pegada quasi ao Rivoli, a primeira representação da peça semi-historica «Rodrigues Teles» da autoria de Acacio Mesquita.

Do "Jornal de Noticias":

RESTAURANTE

Vende-se, todo o recheio do Paris Restaurante em boas condições.

Ora como o recheio dum restaurante deve ser a comida que eles fabricam dia a dia, aconselhamos aos gourmets o leilão do citado restaurante.

Tripas á moda do Porto a preços economicos e ainda em bom estado.

Bifes na grelha em segunda mão, quasi como novos.

Pescada com todos em muito bom uso, mais todos que pescada.

E assim sucessivamente durante todos os dias da que a vendurar.

GUILHOTINA



Vende-se. Carta ao n.º 15, onde se prestam todos os esclarecimentos.

E ainda ha quem diga que acabou a pena de morte em Portugal.

No n.º 15 do «Jornal de Noticias» a guilhotina existe.

Quem será o carrasco?
 Há quem afirme que é o Juliano Ribeiro.

Aos leitores amigos de curiosidades apresentamos as seguintes:

— Os pós de Keating foram inventados por uma criança de sete anos.

— O sabão macaco é extraordinariamente venenoso tendo na America morrido 72 sopeiras que tinham comido por des-útil semelhante sabão.

— A final, não era queijo.

— A sogra do Barba Azul era portuguesa. Casou com um negociante de vinhos de Vila Nova de Gaia e veio a morrer dum indigestão de aguardente.

— A viuva do Padre Antonio Vieira assistiu-lhe aos ultimos momentos.

O menino birrento ao ver mais uma

Comida d'urso...

Desconfiada a patrão
 Que acriadita de sala,
 Uma cachopa bem boa,
 Lhe roubava dum maia
 Diversas coisas á tóa,

Porque a via aparecer
 Com as roupas que eram dela,
 Para o roubo vêe fazer,
 Postou-se numa janela
 Sem disto ninguem saber.

Era a janela situada
 De certo modo, que a ama
 Podia vêe a criada,
 Mal fosse fazer a cama,
 A' hora da tratantada.

Esperou bem meia hora,
 Muito feroz e raivosa
 Com esta longa demora,
 Quando depara . . . e, chorosa,
 O seu lindo rosto cõra . . .

O patife do seu esposo
 El'quem dava a tal roupinha,
 E ali estava, baboso;
 Abraçando a criadinha,
 Dava lhe um beijo ruidoso . .

Em terrivel raiva acesa,
 Mui furiosa e danada,
 A consorte, que era tesa,
 Parte a cabeça á criada
 Com a perna dum mesa.

Para final da questão,
 Aparece a sogra, um bombo,
 E com grosso cacetão
 A todos derrete o lombo
 Até cairem . . . no chão! . . .

ALTER-EGO.

vez bacalhau no prato do almoço atira com tudo ao chão.

A mãe — Imagina que eras pai e que um filho teu fazia uma acção dessas. Que fazias tu?

O menino — Nunca mais lhe dav. bacalhau ao almoço.

Passas por mim não me falas
 Por não passar dum paisana.
 Mas ligas muito aos magalas
 Da guarda republicana.



... E segue a fita

As poesias cinéfilas

As vates apaixonados pelos artistas de cinema são aos milhares. Temos recebido toneladas de poesias, onde cinéfilas dedilhadoras da lira de Apolo, expandem as suas predileções amorosas.

Os galãs da tela são alvo de varios tentados poeticos, cometidos com o auxilio das rimas e de varios metros, desde a redondilha ao alexandrino da Silva, sucessor do Galiza.

Os gemidos poeticos das apaixonadas cinéfilas

Apreciem os nossos leitores, amigos e correligionarios a inspiração das novas poetisas.

Tenho dentro do meu peito
O coração tuque, tuque.
A bater cheio d'amor
Pelo tal Clive Brook,

MARITÉLA

Brook deve lêr-se: Bruque segundo o dicionario Galeico-scandinavo, de Roquette e outros guarda-rêdes.

Meu amor cheira a esturro
Meu coração vai de carro
Montado em cima dum burro
A' procura do Novarro.

LILI DAS FITAS

Gosto d'amor temperado,
Calmo, pacato, serêno.
Por isso a minha paixão
É' p'ô Antonio Moreno.

LULÉ-FILM

Minha paixão zorra e mia,
Bacoreja, ladra e gane.
Cacareja, canta e morde
P'lo artista Karl Dane.

POETISA ÀS SÉRIES

Batidinho, batidinho...
O amor assim se quer...
Quem déra que me batesse;
O lindo John Gilbert!

DOIDINHA POR ELE

Para a semana novas produções poeticas—pantalhicas—fotogenicas.

As biografias dos Azes e das Azas

Esta madama fono-fotogenica debutou como estréla no teatro de Fornos d'Algodres, na peça o «Pescador de Baleias», fazendo uma das baleias que eram pescadas com cana e anzol pelos espectadores da primeira fila.

Fez logo de entrada, um successo extraordinario.

Toda a plateia exclamava:
Que assombro!
Que genio!
Que triunfo!

O que sobretudo fez pasmear o publico foi a maleabilidade do seu rosto de baleia, que tomava expressões tão expressivas que não podemos expressar.

Aconteceu uma tarde de verão passar por Fornos d'Algodres, o celebre realizador Fritz Lang que andava em férias e entretinha o tempo a vender pomada para o calçado.



FAY WRAY

Soube da existencia da Fay Wray e do successo que ella estava a [fazer no «Pescador».

Foi vêr, gostou e deitou-lhe o anzol com a isca dum contrato para ir para Hollywood fazer fitas pescatorias.

A Fay comeu a isca, mas não fez no anzol o que é costume fazer-se.

Aceitou o contrato e lá anda pela Cinelandia a fotogenicar muda, falada e sonorizada.

O caso do dia em Hollywood

Hollywood da California de Los Angeles: A insinuante Lilian Harvey acaba de ser vitima dum atentado ultragravissimo.

Quando ia a sair do hotel, um grupo de mascarados assaltou-a levando-a dentro dum automovel para o conhecido restaurante «Palace Al Capone».

Dentro do restaurante obrigaram a vedêta a ir parar á cosinha, onde o cozinheiro a partiu ás postas, para fazer peixe cozido com todos.

A desgraçada soltava gritos lancinantes quando a meteram dentro da panela para a coserem.

O pobre do Henry Garat, ainda tentou salvá-la metendo os dedos dentro da panela, mas ficou com três dedos escaldados e as costas das mãos voltadas para a barriga das pernas.

Depois do prato cozido, foi servido aos hospedes da casa que muito apreciaram a pescadinha da Lilian chupando-lhe as espinhas todas.

Os cabelos foram aproveitadas para grêlos á provinciana.

CINE-CALVO

PARA
PINTAR
REDES
USE MURALINE

prepara-se em
seca em
e dura

10 minutos
horas
anos



Ecos da Sociedade

FUNERAL

Com grande e tuzida pompa celebrou-se ontem na praça de touros da Serra do Pilar, o concorridíssimo funeral do nosso preclaro amigo Segismundo Retorcido, antigo moço de forçados da casa Real e ajudante de engrixador no segundo cartório do civil, na terceira vara desta cidade.

Compareceram todos os amigos do chorado defunto, que mandou abrir varias garrafas de champanhe para agradecer a comparencia ao funeral.

No fim a banda do Terço executou um variado repertorio, sendo muito aplaudida.

DELIVRANCE

Deu hontem á luz uma creança do sexo anfibio a virtuosa viuva do falecido industrial Agapito Serapião.

O recém-nascido ao abrir os olhos ao mundo teve a gentileza de perguntar á mãe há quantos anos tinha falecido o pai.

A parturiente encontra-se em estado satisfatorio, tendo passado a noite a dansar ao som dum jazz-band dirigido pela parteira.

O pai morto ao saber que a sua viuva tinha tido um filho postumo, enviou-lhe um telegrama de felicitações.

A creança nasceu robusta e forte, ninguem dizendo ao vê-la que tem somente trez anos de idade.

O batisado realizou-se na basilica do registo civil.

PARTIDA

Partiu na sexta-feira proxima para a sua quinta de Lavarrabos, o benquisto comerciante da nossa praça e doutras praças de touros, sr. Pigmaleão Domestico, conhecido Benemerito, fundador do Asilo dos Pneumaticos Furados e protector do Hospital das Apendicitis Comprimidas.

Ao chegar á estação de

Folhinha da semana

Feveiro
7
Domingo

Isto é que a gente se vai divertir, raspasiada! E o pessoal maior e menor do «Piriloto», já meteu três contos e quinhentos, cada bico, para serpentinas!

Foi tal o divertimento que a descrevê-lo não conto por não ter espaço agora...
E vou entrar p'r'um convento, onde haja frades de dentro e venham madres de fora!

Feveiro
9
Terça-feira

Não! Hoje é que vai ser! — O Alexandrino cede-nos uma tipoia aposentada, e não faltaremos ao corpo, pois então? — E i noite mete «Sá da Bandeira», para dizermos adeus ao Estevão...

A Rosar'a, arrependida do que lêz no Carnaval com o Fonseca Tendeiro, saiu hoje, compungida, com o primo Carregal: Foi apanhar neveeiro!

Feveiro
11
Quinta-feira

Após 4 dias de parodia e um de abstinencia, custa tanto voltar ao pão nosso de cada dia!... — Mas, que remedio, filhos? — A vida tem destas complicações desagradáveis... E a Morte ainda mais!

E' hoje o teu dia, Eulália!
E vou ali á «Vidrália» p'ra comprar-te o que não tens...
O que quer's, minha beldade?
Pódes vir á vontade, até dezoito vintens!

Feveiro
13
Sabado

Dia 13... Dia aziago... O que nos acontecerá hoje? Reventará algum parafuso do prelo? Vizitar-nos-há algum credor? — Orémos...

Feveiro
8
2.ª fei-a

Feveiro
10
Quarta-feira

Feveiro
12
Sexta-feira

PANTÉON

Gajos e matronas celebres

Cambronne

Celebre general francez nascido em Macieira de Cambra e por tal motivo, denominado Cambronne.

Segundo outra versão, o nome de Cambronne não lhe vem de ter nascido em Cambra, mas sim de ter sido vereador ou «cambarrista», como dantes se dizia.

E por corrupção do cambarrista e cambra, nasceu o cambronne que veio a decair em «cambronne».

Exposta a grafia geneologica do nome do nosso biografado, vamos dar alguns dados e emprestados sobre a vida do nosso heroi.

O destemido general, especie de braço direito e esquerdo do nosso padrinho Napoleão, comandava em Waterloo um destemido grupo de moços do exercito napoleonico, quando envolvido pelas massas inimigas, foi intimado a render-se.

Que julgam os nossos amados leitores que fez o nosso primo Cambronne?

Que não se rendeu?

Que se rendeu?

Que depois de rendido foi comprar umas fundas?

Não, senhores, não fez nada disso!

Respondeu simplesmente com uma sugestiva e mal cheirosa palavra, que principia por um M, tem cinco letras e acaba por um A.

Isto até parece um enigma para matutar.

Mas não é. E' uma charada para despejar e aliviar.

E por ter dito aquela palavra o nosso Cambronne ficou celebre.

Se fossemos nós que o dissessemos chamavam-nos malcreado.

Lavarrabos foi sua Ex.ª surpreendido por uma atestadíssima manifestação sifilítica, acompanhada de entusiasticos vivas ás pessoas falecidas e mórras aos gatos pingados d'ambos os sexos.

Sua Ex.ª viajou em terceira classe para melhor poder fazer a propaganda das suas ideias comunistas ferro-viarias.





De Cima da Burra

A força... das canécas!...

O meu visinho Valente Varêta é um homem extremamente pacato, inofensivo, incapaz de matar uma mosca. Mas, já tarde, ou pela noite alta, quando está com dois dedos de gramática das canécas,—não sei se devido á assimilação física do seu chamadoiro de batismo—toma uns ares de brigão, desmedidamente atrevidos, ameaçando bater em toda a gente que dele se aproxime.

Quando toca as culminâncias dos vapores, dos gazes asfixiantes do genuino verbasco de Vizela, ou de Castelo de Paiva; quando raspa pelos pincaros anuviados da camoeca integral, pretende, nessa altura, sair ao meio da rua e brigar com o transeunte que passa.

Eu, que providencialmente assisto muitas vezes ao esboço dessas atitudes, vejo-me obrigado a deter-lhe as fúrias vinícolas com este argumento, simples e suavíssimo a que êle sempre obedece:

—**Atto, Varêta!**

Imediatamente, é como se deitassem um balde de água fria sobre o lume abrasador dos seus gestos, da sua graciosa coragem...

* * *

No domingo gordo, o meu visinho Valente Varêta abançou a uma das mesas do *Retiro da Palmeira*. Chamou o Adriano, um empregado que é o protótipo da boa educação, a véra effigie da diplomacia da arte de bem comer, e mandou vir coisas: mão de vitela com ervilhas e savel frito.

Regou estes pratos com o belo pingado das melhores procedencias; e, a seguir, alambasou-se com a sobremesa do estilo: queijo, nozes e fruta.

E' claro que este repasto, como de costume, é concluído com dois cafés e dois calices de morrinha, gastando o meu visinho, nesta refeição almoçadeira nada menos de sete horas seguidas, não contando com aquela hora trágica em que o Morfeu se lembra de o tornar insensível a qualquer asneira das muitas, ás vezes, proferidas por algum saramacôeo que surja, a transtornar-lhe o sono...

O Valente Varêta, nessa altura principia a ressonar e a destrambelhar contra tudo é contra todos, até aqúelle ponto de rebuçado em que já lhe não é possível fazer um 4. É necessário eu inceptá-lo, prendendo-lhe o esbracejar de gladiador grêgo, ao mesmo tempo

sofreando-lhe os lances impulsivos dos néctares emborcados, com o sobredito argumento plausível e convincente:

—**Atto, Varêta!**

* * *

Na segunda-feira,—reparem bem no que é a força do destino!—passava eu distraidamente defronte da *Adéga do Carvoeiro*, e o que se me depára? O meu visinho Valente Varêta a desafiar para o largo todas as pipas cheias e vãsias que lá dentro se encontravam, muito mansas e quietinhas, todas elis a verter lagrimas de contentamento á vista do belo effeito produzido nas células cerebrais desse pregador de canécas...

Para guardar-lhe o verda'iro aprumo das conveniencias, devido a quantos devotos de Baço lá foram buscar um pouco de ternura das torneiras, quasi foi preciso que ás próprias canastras e cestos das frutas expostas á porta reclamar o auxilio da guarda á Biblioteca Pública.

E mais uma vez lá tive eu de intervir, procurando socegá-lo com o argumento do costume:

—**Atto, Varêta!**

* * *

Na terça-feira, como era o dia de maior folgança carnavalesca, e o bom cidadão costuma aproveitar melhor o epilogo das folias, deitando-se já fora de horas,—rondei um pouco pela Praça dos Poveiros, curioso de anotar alguns episodios dignos do meu atilado comentario.

Encontro-me, neste momento, frente a frente com o restaurante *Casais*, demasiadamente conhecido por todos os grands canécas de Portugal e Algarves. Mas qual não foi o meu espanto ao dar de cara com o atlético Valente Varêta, cá fora, junto á valeta, a esgrimir com a sua bengalinha-macarrão, com os molinhos imaginarios que ali se lhe alevantavam diante da da sua imaginação Quixotesca!...

Estáva o pobre do homem na sua faze aguda de valentias de canécas. Que fazer-lhe? Chamar a Cruz Vermelha para o conduzir aos vomitórios da *M. sericordia*? Nada disso. Remediei-lhe os acessos com a frase redentora:

—**Atto, Varêta!**

E o meu visinho espalhou-se. Foi-se abaixo das pernas!...

TRIGUEIRICIMUS



Embora não acreditem,
Toda a gente a fez e faz.
Em qualquer ocasião,
A faço desde rapaz.

Podem fazê-la por goso
Ou até por sofrimento...
E há quem a faça por arte,
Sendo até nisso um portento.

Fazem-na por todo o mundo,
Quer de noite, quer de dia;
Quantos, tristes, a fizeram
No Jardim da Cordoaria!...

O valongueiro Matias
Anda na cidade á espreita
Das pernas de certas damas,
E faz a sua bem feita.

Até a sopeira Rosa,
Por quem ando apaixonado,
Ao encontrar-me faz-me uma
Que me deixa embasbacado.

A palavra tem três sílabas;
Acaba a segunda em ê
E a terceira finda em a
Adivinhe quem me lê,

CRAVELINO

Decifração do enigma anterior, a prémio:

?

Porque ninguem o matou, pelas inumeras dificuldades que apresentava, os premios revertem a favor do Asilo das Sogras Abandonadas.



A Caça aos Gambuzinos

O Reporter X lembra-se de cada uma, que nem ao diabo lembrava.

Caçar feras numa folha de papel, com prémios Kolosais, é uma das maiores habilidades da última geração.

Por dez tostões semanais mata-se um leão, um jaaali, um leopardo e... uma pulga.

Há apenas um pequeno pormenor que o Reporter X não explica.

Se na hipótese do leão, do leopardo, de qualquer outro bicharóco fez ter pulgas, estas também contam para a caçada?

Sim, porque está absolutamente provado que o leão difere da pulga por uma única e simples razão: É que a pulga não pode ter leões.

Ora já que o colibri, um pássaro horrendo do Far-West da Filândia, que devora os indígenas às bicadas de milímetro, também figura na ménagerie, o Pírolito lembra aos desarrancadores do tal concurso uma nova série de gambuzinos, nome que assenta como uma luva.

Ex mplos

Sogra — Especie zoológica da família dos mamíferos, que sofre de raiva quasi sempre.

Percevejo — Animal libidinoso que anda de noite a passear pelos lençóis e

que nos assalta à mão armada.

Pintasilgo — Fera de gaiola que se amamenta a alpista.

Senhorio — Um selvagem que lá pelo facto de ter um prédio, se julga no direito de cobrar a renda da casa.

Gralha — Um bicho que se mete na prosa e que nunca mais de lá sai, mesmo que os revisores o enxotem.

Guarda-fiscal — Cidadão de pera e bigode que se alimenta de isqueiros, sêdas e outros contrabandos quejandos.

Sopeira — Fera familiar que parte pratos e outros utensílios domésticos e que geralmente é exertada de policia.

Credor — Nem com trigo roxo ou pós de Keating qualquer cidadão pacífico se consegue vêr livre d'este animal feroz que bate à porta de dia, de noite e for das horas das refeições.

Estas oito feras que como vocalências veem são muito mais feras que todas as feras do reporter X juntas, são dignas de serem encorp radas em qualquer ménagerie Hagembeck Hag-anhalt-back ou H-gempontadireita.

E se não fazemos um concurso com elas é pa a não prejudic r o nosso colega X e porque tóta a gente adivinhava q e as três primeiras a irem para o barulho eram; Sogra, Senhorio, Credor.

tapou os ouvidos, estava mudo de coler e quasi surdo de nascença.

Nessa altura, ainda não se falavam. Era um amor estruturalmente platonico, feito de olhares de cara iro moribundo e de cartas piegas. Mas, um dia, o Acaso colocou-os um ao pé do outro, num ba e das Esc la-ticas. Ela, ignorando-lhe a surdez, ciciou-lhe coisas ternas ao ouvido bronco e impen-travel. Ele, sorriu, — como se lhe percebesse a prosa. E respondeu-lhe aos gritos, julgando que falava baixinho, uma coisa muito diferente.

Se, para evitar complicações intestinas, ele não lhe declara o seu def ito fisico, aquilo redundaria em tragedia, por in omp-tibilidade de convers s. Ele, porém, adorava-a; devia-lh todos os quilometros possiveis de sinceridade; resolveu pôr a s rdez em pratos limpos, — e a Felicidade nunca mais abandonou aquele idílio sentimental.

Vale a pena ouvir-lhes o dia ógo, — hoje que só vinte anos decorreram sobre o primeiro olhar. Lá do alto do quarto andar, ela arremessa-lhe maravilhas de ternura e de s-prança; cá em baixo, na beira do pass i, de pesciço esticado e orelhas diste didas num es orço enorme, responde-lhe como Deus é servido...

E a:

—Afinal, tu não apareceste ontem no Passos, como te tinha p dido.

Na jaula dos avestruzes



O sr. não viu o meu violino que deixei ficar aqui há bocadinho?

ANUNCIOS MAL PAGOS

Casa

Aluga-se uma, em segunda mão, muito bem conservada. Tem gente lá dentro, mas não faz mal. São tudo pessoas de confiança.

Piano de cauda

Precisa-se, em estado de novo, que tenha pianista nova. Deve estar afinado para concerto salão Bechstein.

Contra as herpes

Pomada supra-venosa. Também serve para limpar metais, destruir ratos, substitue, com vantagens, a manteiga.

Miocas

Ontem, depois de 69270, fiquei A. A. A. Talvez fosse por sol ré-33-A. = Novo encontro, sabado, para X-270, no 83 virgula, 9.

Carne seca

Vinda directamente do Pará, em envelopes de cincoenta folhas. Brindes aos surdos mudos de nascença.

Ele:

—E' solteiro. O mais novo é que é casado e já tem dois pequerruchos...

— Não percestes o que eu disse, Antoninho. Chega-te ma s para a parede, que u falo mai alto...

E ele, com uma gargalhada amavel:

Queres? Ninguém pôde confiar nele. Bem fiz eu que, pelo s m pelo não, trouxe o in permeavel...

... E é assim aquele idióto, que já du a desde mil novecentos e dez...

FREI-SATAN.



Amor surdo

Ela mora num quarto andar e tem um namorado surdo. Consequentemente, é um encanto ouvir-lhes os idílios, depois das vinte e duas, quando ha luar e ela, lá de cima, lhe cospe galanteios, que ele recebe extasiado, de bocarra escancarada, para os g-rgarejar em seguida.

Amam-se desde a proclamação da Republica. El, talassa «enragé», ao ler nas gazetas os primeiros p.sos da revolução de cinco de Outubro, ia falcendo com grunhidos nos ouvidos. Depois, confirmada a noticia, desf aldada a nova bandeira e exe utada a «Portuguesa» por todas as bar das regimentais, — quiz suicidar-se. Sentindo-se incapaz d'esse gesto, pôs as mãos nos ouvidos, para que nem um eco das manifestações republicanas lhe ferisse os timpanos. Pediu, então, ao ceu um raio que o fulminasse. Não houve raio capaz de o pa tir, — n as, quando des-



Porque, como e de que faleceu

O CARNAVAL



Hernani Torres

Uma enorme, indissolúvel e crudelíssima tristeza pesou, durante três dias, nas nossas almas completamente candidas, ao constatar-mos o falecimento definitivo e irrevogável do Carnaval.

Sim. O pobre morreu! Após uma dolorosa e prolongada agonia, e confortado com todos os sacramentos, o filho querido do conhecido Deus Mômô e de Dona Folia, descendente da Terpsicore da Purificação,—o inditôso Carnaval, também conhecido entre os íntimos pelo «sobriquet» de Entrudo soltou o suspiro final!

Fôram três dias intermináveis, com dôres horripantes e serpentinadas de variadas côres. E nem os cuidados dos médicos assistentes e da extremosíssima família e amigos, nem o carinho dos foliões mais cotados nesta cidade lhe poupáram o sofrimento.

O que tem de sêr, tem muita força, e quando a hora é chegada, não ha meio de fugir ao Destino.

R. I. P.

Rezêmos por sua alma muitos P. N. e muitíssimas A. M.,—e que a terra lhe seja level!...

Mascarada

Entrara no salão... era imponente, Vestida à Vianesa, e a rigor Com chinelinho muito reluzente, Onde metia o pé, que era um primor!...

O corpo, uma escultura transcendente! Cintura de vespa, em busto encantador!... Farto o cabelo em trança de ouro quente!... Rosto vedado à mascara do pudor!...

Como um leão de ataque na loucura, Atiro-me a essa jovem midinette, Que me parecia ser a Formosural!...

Lévando ao restaurante, ao gabinete, Tirei-lhe a mascara, enfim, á creatura, Que tendo um olho só, a compromete!...

REPMYRO

Um dia tinha de sêr. Foi este ano. Deus lhe fale na alma! Todavia, uma [retorcida] interrogação surge.

Porque, como e de que faleceu o Carnaval?

Como saber? A quem perguntar? Aos médicos? Não! Não! Não! Os sábios esculapios não conhecêram o Carnaval. Mergulhado no ventre dos operados e de fonendoscópio nas eruditas unhas, não ha medico que desça a prescrutar os desgrenhados meandros do Entrudo.

A quem, pois? De subito, a luz fez-se no nosso cérebro. O Carnaval era a alegria, a côr, o movimento, a musical!

... E mestre «Pirolito» resolveu transpôr os hombrais do nosso Conservatorio de Musica do Porto, mettendo o naris na solfa, apaipando todos os violinos, soprando em todos os trombones de varas, remexendo em todos os pianos de cauda.

«Porque, como e de que faleceu o Carnaval?»

E os mestres responderam gentilmente...

Fala Ernani [Torres, o Mestre

Acoihe-nos, com um [sorriso] sfu-



Julio Camara



Alberto Pimenta (filho)

gatto, o ilustre director deste estabelecimento de ensino. E a sua cabeleira genial, em «lá sustenido», tem crispações sinfônicas:

—Porque, como e de que faleceu o Carnaval?—repête.—Vou pensar nisso —e responder-lhes-hei na primeira hora livre que me apareça, lá para o ano mil novecentos e quarenta e sete...

O que não nos disse Julio Camara, o Pontífice da Garganta

O snr. Julio Camara não parece tenor, apesar de sêr um rapaz muito saudavol e com bastantes acomodações.

Ao ver-nos, deixa, por momentos de catequisar a sua revoada de pombos, agita o seu vasto cabelo de reflexos oceânicos e tem um sorriso aromático.

—Porque, como e de que morreu o Carnaval?—perguntamos-lhe.

Responde-nos com uma pausa de



Raul Casimiro

efeito, duas suspensões, u mbequadro —e nós saímos, depois de lhe fazermos um falsête...

A opinião poliglota de José Gouveia

Este nosso velho amigo, dicionario portatil de cento e quarenta e duas linguas, torre de Babel do Conservatorio, responde-nos com um longo discurso em espanhol, francez, inglez, alemão, italiano, bulgaro, dinamarquez, hungaro, grêgo, japonéz, norueguez, polaco, romeno, russo, chinez, arabe, latim, sanscrito, vulpuk e esperanto.

Vamos traduzir a referida resposta, que publicaremos num dos proximos numeros...

Alberto Pimenta, o Sarasante Junior

A sua formidável estatura comove-nos profundamente. E mal nos vê, o arrojado Pedagogogo empunha o arco qual Cupido «virtuose», e diz-nos isto simplesmente:

—O meu colega Brochado que lhes responda... ou então procurem-me no Hotel do Porto, em dias de banquete dos Rotary...

E despediu-nos com um «pizzicato» na quarta corda... Cabia a vez a

Raul Casimiro, o Orfeonizador Maximo

Este, cofiando a péra amilcardesousarada, coloca o monoculo na orbita dextra, lembra-se das feras orfeônicas e da moribunda audição musical de alguns jornalistas-poetas, e responde nos com um sorriso amargo, em tom menor e andamento de marcha fúnebre:

—O Carnaval morreu porque o mataram os bailes... E aos orfeões ha-de succeder o mesmo...

Palavras de Acacio de Aguiar, o Enorme

Pousando o contrabasso de pau e corda, e arremessando para longe a sua reclamação n.º 7329, A. 3.ª serie, Acacio de Aguiar, leonino, enorme, formidável, põe tudo em pratos limpos.

—Porque morreu o Carnaval? Veja o § 5.º do Art.º 1423 do Codigo Civil. Como morreu? A doutrina da alinea 6 do Art.º 2921 é bem clara. E faleceu por estar incurso no § 2.º do Art.º 9300 do Codigo Penal, rectificado pela lei de 23 de setembro de 1888, no n.º 1321 do «Diario do Governo», 3.ª série...

O que nos pontifica o mestre Antonio Alves

Desembainhando a espada flamejante, Antonio Alves pouco nos diz:

—A minha opinião é provisoria: O Carnaval faleceu provisoriamente. Faleceu porque a morte provisoria, o chamou a si. A si? E a ut, possivelmente. E a doença que o vitimou, foi um mal provisorio...



Cassagne

Fala o Prof. José Cassagne, o virtuose obêso

Após um suspiro meio tom alto, o insigne pianista sorri:

—Deante dum frugalissimo repasto de vinte e três pratos, lhes respondeu: A cathedra é um sacerdocio. Respeitem-na, e falem-me logo á saída...

E deixamos o Conservatorio sem podermos falar com o ilustre Cervaeus, do professor mais bonito deste estabelecimento, que neste momento andava á procura do Rodrigues...

Leiam

Almanaque de Sports

EXCEPÇÃO

E tu brasileira, não tens pena Da tesura cruel que me agonia? Sou pobre, excellentissima morena, De meu só tenho o luar e a luz do dia!

Só tenho a bolsa exigua pequena E tudo o mais é grande.—Quem diria! Aceita esta afeição silente, amena Como uma suavissima harmonia!!

—Morenito adorado, meu amigo: Eu papo-te como quem papa um figo, Sou tua, toda tua, meu amor!!

Que importa não te's «massa?» mais te quero! Gosto do teu cantar, mais nada espero! Portanto, se andas teso, bem melhor!

REPORTER XIÇA

PORTUGAL & ALGARVES

O que se passa

Suicídio

Sarilhos de Baixo, 10—Aparceu, esta madrugada, boiando no rio Xarope, o cadáver duma creança do sexo masculino, ainda menor, envolvida nos cueiros e com o biberon entre os dedos enclavinhados.

Desconfia-se que se trata dum suicídio.—C.

Varia

Migas, 2—Deu ontem à luz uma robusta creança do sexo masculino, o nosso illustre compadre, correspondente do *Seculo* nesta localidade, sr. Aureliano Fagundes, modista

de vestidos e professor oficial da Tuna 1.º de Setembro, ao qual desejamos uma feliz viagem.

—Partiu para Pariz a Ex.ª Sr.ª D. Margarida Lopo, regente do Atelier Lopo, a qual vai tratar da aquisição de músicas para a referida Tuna. A mãe e ao filho, desejamos um pronto restabelecimento.—C.

Espectaculos

Chão de Pécegos, 3—A «Escola Dramática Flôr do Pécego», vai realizar, nesta vila, três espectáculos, com a comédia *Come e Cala*, e os dramas patológicos *O Cordão Umbilical* e *O Membro da Junta Geral*.

aquelem e alem mar

COISAS E LOISAS

Foos do Carnaval

Nice, 8—O Carnaval este ano tem estado pouco animado, esperando-se que o dia amanhã decorra sensaborão.

Por este motivo pediram de Nice para o Porto, em hidro-avião, vinte mil norte-americanos carregados de dolars, os quais são doidos de alegria pela felicidade que o dinheiro lhes proporciona de assistir ao primeiro Carnaval do mundo.

Consta aqui que o arrojado Club dos Fenianos do Porto organisa um imponente cortejo, com diversos carros alegóricos, entre os quais «Já dei o que tinha a dar!»—«Ha quantos anns encravamos?»—«Era bom mas acabou-se»—etc.

Revolução iminent?

Por Atenas

Atenas, 9—Um Decreto terrível do governo grêgo vem de proibir terminantemente o uso e porte dessas armas terríveis que se chamam «saias curtas».

O Decreto, que vai entrar no próximo dia 13 de Fevereiro, em execução, estoirou, como

uma bomba, na «haute-gomme» helénica, estabelecendo o pânico entre o madamismo e mademoisellismo que gostosamente exhibe, por essas ruas, os encantos plásticos que a Natureza lhes deu.

Receiam-se tumultos.—(Ag. Favas).

Manifestações

Atenas, 10—Aumenta o descontentamento pelo Decreto governamental sobre as saias curtas, tendo-se efectuado, ontem, um comício, durante o qual falaram trinta e duas senhoras, no meio das mais entusiásticas ovações e «morras» aos Poderes Públicos.—(Ag. Favas).

Horror!

Atenas, 11—Realiza-se, amanhã, uma grandiosa manifestação contra o governo. Dez mil senhoras, todas com as saias pelos sovacos, dirigir-se-hão às Câmaras, onde procurarão a célebre advogada Helena Troya Menelau.

Consta que as autoridades não proibirão o cortejo, para evitar difusão de sangue entre as senhoras, no caso de êle surgir inopinadamente.—(Particular).

O guarda-roupa será fornecido pela Casa Silva, do Porto, e o teatro encontra-se-há vistosamente engalanado, pelas mágicas mãos do Alberto Pereira, também do Porto.—C.

Congresso

Ovar, 12—Realizou-se o primeiro congresso das barricas de ovos moles. Entrou outras resoluções foi tomada a de cortar imediata e definitivamente todas e quaisquer espécies de relações com os ovos que as galinhas põem.

Tanto as galinhas como os maridos apresentaram o seu protesto na administração do concelho.

Agressão á tração

Passos do Algarve, 9—Manuel da Purificação, queixou-se á policia contra sua mulher Maria do Ó, arguindo-a de graves crimes de ofensas corporais quando se encontrava roncando no leito.

A acusada afirma que foi um percevejo o causador do desastre.

A autopsia do queixoso não deu resultados positivos.

O percevejo fugiu para nunca mais ser visto.—C.

Po queid o

Aldegalega, 10—Acaba de ser violentamente assassinado um porco que sofria de neurastenia aguda.

Os chouriços manipulados com carne de semelhante animal, foram comidos pelos aldeagegos, tendo-lhe produzido fortes desarranjos de cabeça.

Consta que o governo vai expulsar os neurastenicos galegos.—C.

Um bigode trucidado

Albergaria da Quinze—Foi preso o reverendo prior desta freguezia porque durante uma semana andou de bigode á John Gilbert.

A cerimonia fúnebre assistiram as autoridades eclesiasticas sendo os pelos do excomungado bigode arrancados um a um como manda a Santa Madre Igreja.

A filarmornica da terra abrilhantou o solene acto.

PARA LÊR NO BANHO... MARIA

PELO DOUTOR KNOX

Gosar, como um prêto!

Sabe, Maria? Escrevo-lhe da cama onde me encontro ha dois dias, imobilizado. Gripe, pensarâ. Não, nada disso. Nada de doença birrenta, nenhuma dessas periódicas enchaquecas ou defluxo pingueiro. Upa, upa! Não adivinha, já vejo! Eu conto-lhe!

Acho-me no leito com o corpo num feixe, um olho como um repólho e o braço direito, que nem o posso mecher.

Ai, mas que me importa o presente se durante três dias gosei como nunca mais espero poder vir a gosar?

Que me importa o dinheiro que gastei (e que não era meu), se passei três dias de Entrudo deliciosos, foliões, venezianos?

Quere ouvir?

Logo na quinta-feira fui para a rua munião de mil bugigangas carnavalescas, disposto a divertir-me com a rapaziada dos carros, os estudantes. E' claro que esperava encontrar um cortejo alegre, piadético, «chargêsko», com aquela profusão de graça que sempre foi o apanágio da Academia, cortejo embora pobre eu mais, inevitavelmente pobre, pois que a peneirice foi, é e ha-de ser sempre a companheira certa dos que com livros lidam, antes ou depois de se formarem.

Mas vi uma tal crise de graça, da mais elementar piadicha infantil (não diz to-la a gente que a crise é geral?) que recolhi a casa pejaroso, os bolsos ajouçados ao pêso dos confetti.

E disse com os meus botões: no sábado desfôrro-me!

Comprei uma assinatura para os espectáculos carnavalescos dum dos nossos melhores teatros (um bilhete que era pesado como chumbo) e corria divertir-me.

Ali, sim! Ali... dormi-se a sono sóto pelas cadeiras. Uma ou outra clorótica menina, esgrauviada, de olhos a queimarem as faces dos rapazes em que poizavam, a atirando raras e fanadíssimas serpentinhas, depois outras e... e mais nada, porque os massos estavam pela hora da morte.

Bocejando, não tendo com quem jogar, saí para o átrio disposto a divertir-me, desse por onde desse. Ainda consegui despejar dois massos de «confetti» na cabeça d'um porteiro e nada mais. Valeu-me depois, lá dentro, o entreter-me a atirar serpentinhas inteiras á cabeça dos que me ficavam na frente e

algumas (que não foram poucas) aos músicos que, como todos sabem, dão um cascarrão dos diabos com tal exercicio.

E assim fui arrastando a minha folia até terça-feira á noite. Findo o espectáculo, sentindo-me ainda possuidor de todas as energias, não tendo bem castigada aquela «féra» que todos trazemos cá dentro, fui-me até um dos nossos clubs, um dos nossos pacatíssimos clubs.

Entrei. Ali! Ali é que era gosar-lhe! Que animação, que movimento e que mulheres! Abanquei a uma mesa e pedi coisas. Coisas caras, é claro! Primeiro comer-lhe e depois, gosar-lhe, eis o que tinha resolvido fazer. Mas não consegui meter uma garfada á boca. Quer dizer, uma ainda cheguei a comer, mas tão misturada com «confetti» e serradura que me deixava a garganta a arder.

Beber-lhe, isso então era impossivel. A metralha que do outro lado da sala chovia sobre a minha meza, nem um copo deixava manter de pé.

Um não sei que mais avantajado e que, pelo pêso devia ser algum saquinho com terra, bateu-me em cheio num olho. Não pude conter-me por mais tempo e berrei, exaltadíssimo: Brincadeiras estupidas não valem!

Ai filha, palavra que disseste! Minutos depois eu tinha em cima do lombo uma carga de lenha que chegava para uma casa de hospedes completamente!

E aqui me tem, a escrever-lhe hoje, quinta-feira, dois dias depois do carnaval acabar.

Dixe li, Maria! Gastei dinheiro, é verdade! Tenho o corpo em salada, um olho negro, o braço direito escaravrado? Que importa, se me diverti? Acredite: Diverte-me! Diverte-me!

Não é pelo menos o que toda a gente julga fazer no Carnaval?

DOUTOR KNOX

Sexo fragil

As correspondências amorosas da mocidade de hoje

No numero passado inseimos neste mesmo aprasivel local uma bella e imentatá missiva, dirigida por um gomo mancebo a uma não menos gomosa donzela por quem anda apaixonado.

Hoje damos a resposta da dita futura esposa ao Adonis dos seus sonhos.

Carta dela para ele

Meu adorado fotogénico: Chegou ás minhas mãos cine-filas o arrazoado ás séries das tuas palavras cineastas e sonoras.

Como eu beijei o écran das tuas palavras!

Com que delirio me abracei ás palavras amorosas das tuas frases!

Eu não te esqueço, meu adorado Menjou de cuecas!

Deliro por ti, grande produção da minha casa produtoral

Viste-me trepidar o écran e tiveste ciumes!

Socega, meu amor, eu não filmarei senão para o teu estudio, que ha-de realisar o filme da nossa alegria e da nossa felicidade!

Tu és o pardal que me convém para juntarmos os trapinhos e darmos soldadinhos para o nosso exercito.

Na quinta-feira vou ao baile das Mendonças.

Não faltes. Quero dançar contigo tu one-stepp a quatro pés, acompanhado ao piano a quatro mãos.

Beijo-te as fimbrias da gabardine. Tua

CLARA GRETA.



OS PLAGIOS

Quando chegou ao pé de mim, vinha apoplético. Os olhos, enormes como dois arcos voltaicos da força de quinhentas velas de cebo, rebojavam-se pelas órbitas, num desenfreado e obsceno maxixe. Filou-me por um braço e, empurrando-me para o interior dum café, deixou cair sobre mim todo o peso da sua indignação, toda a sua colera, toda a sua peste bubonica, todas as grandes epidemias que mordem um desgraçado quando quer desabafar:

—V. já sabe?! O Herodes, o cretino do Herodes roubou-me aquela soberba ideia dos pães de quinze! A' falta de talento, serve-se das ideias dos outros!... Eu já lhe contei que na minha revista «*Estás lá ou és de gesso?*» ha um numero de padeiros que termina por uns alexandrinios da silva glorificando a sêmea de farinha triga... Pois bem: O farçante do Herodes bifou-me a ideia e anda a escrever uma revista cujo primeiro acto termina com uma apoteose ao Pão de ló de Margaride cercado de biscoitos de argola!!! V. está a ver o plagio descarado! É preciso não ter vergonha. Mas eu arrazo-o, esborracho-o,...

Deu duas punhadas em cima da mesa, com furia. O açúcar esgueirou-se para a

andeja e a rolha da garrafa do bagaço deu um duplo salto mortal, indo mergulhar dentro da chicara do café.

Procurei soçegá-lo, suplicando-lhe que não tentasse esborrachar o Herodes; talvez que ele não tivesse culpa; algum encontro de ideias...

—Qual encontro de ideias! E' um roubo, um plagio descarado! A culpa foi minha, que lhe dei a revista para lêr!

«Mas eu espatifo-o! Se não tem talento, que não escreva para o teatro! Hei-de dar cabo dele, hei-de liquidá-lo!»

E, nervoso, mordiscando com o aguçado dos caninos um fio do bigode—que tinha ido perguntar aos dentes a razão porque não viam escova—pensava já na grande liquidação do Herodes, vendido a retalho, com 40 % de abatimento—em saldo fim de estação.

Soceguei um pouco, tirou do bolso uma canastra de linguados e, brandindo-os no ar, exclamou:

—Esta é que ninguém leu. Vai ser o meu novo original.

Agarrei com furia nos papeluchos que ele se preparava para me impingir e atafulhei-lhe o bolso do sobretudo com eles:—Nada, não vá V. depois dizer que eu lhe roubei alguma ideia genial!

—Pois sim,—retorquiu-me o apoplético escritor.—Tambem o Herodes não leu a minha cega rega dos vasos da noite, e eu sei que na nova peça dele entra uma cega-rega de vasos de mangericão com pés de galinha, estilo Chantecler!

—O' homem! mas se ele não sabia...

—Não sabia o quê?! Foi por transmissão de pensamento. O malandro até disso se serve para roubar ideias aos outros. Mas eu já sei o que hei-de fazer: Agora, para ninguém me roubar o pensamento, quando fizer outra revista, só depois dela estar escrita é que principio a pensar no que hei-de escrever...

TEATROS

Sá da Bandeira

Companhia Gloria Maravilhas

Obteve um grande exito esta magnifica Companhia espanhola que ontem se

estreou neste teatro, com a esplendorosa revista *Mosaicos*, um mimo de ineditismo e de luxuosa apresentação.

No proximo numero darêmos as nossas impressões sobre esta sensacional «*prémière*».

Rivoli

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

A primeira representação do drama historico *Leonor Teles*, obra prima do saudoso Marcelino de Mesquita, alcançou um successo invulgar.

Palmira Bastos na protagonista foi muito victoriada.

CINEMAS

Nos cinemas *Agua d'Ouro, Olimpia, Trindade, Passos e Batalha*, esplendidas sessões com magnificos «*films*» sonoros.



—O' minha senhora não vá por aí, porque a agua vai gelar daqui a bocadinho.



Força dental

O empresário — Então porque é que você não entra em sena?

A artista — O meu homem perdeu a dentadura.



O Porto-Braga intergrilhetas da pena

Um jogo delicioso — Uma arbitragem obsoleta — Uma maravilha de jantar — E o mais que se verá...

A's 10 horas da manhã a Cancela Velha regorgitava de plumitivos. Uma camionette, cõr de tijolo recém-nascido, aguardava o momento de albergar no seu seio todos os internacionais do pontapé e seus derivados.

Finalmente parte-se. E se saudades não levamos, tinhamos, todavia, uma extraordinária anciedade pelo almoço que havíamos de mastigar em Famalicão.

O almoço

Entramos ás 11 e meia na ridente vila minhota aos gritos guerreiros de Famali, Famali, Famali... cãol! cãol! cãol! A população olha-nos admirativamente.

— Conde Ferreira? pergunta um cavalheiro de pera e bigode.

— Não. Jornalistas. Responde outro de barriga saliente.

Ahl é a mesma coisa, afirmou o homem da pera. Diabos o carreguem.

A nota saliente do almoço foi a dieta do Borges. Muito comeu aquela alminha! O que fará quando estiver bom das miudezas!

Na altura da dolorosa ninguem fugiu ao pagamento. Indícios de princípios de mez.

Há quem mande engraxar a bola para lhe dar mais lustro. Podia-lhe dar para peor.

A recepção

Antes de Braga (não confundir) deis automoveis repletos aguardam a caravana. Há troca de gritos subversivos e depois de torcicolarmos as ruas da Bracara Augusta aportamos a uma sala onde garrafas, copos e pasteis nos dão as boas vindas.

O homem é um bipede que de copo na mão fala pelos cotovelos. E foi o que sucedeu.

O sr. Francisco Veloso fala em primeiro lugar, mas passa logo a palavra ao Dr. Antonio Moreira que conta uma historia muito grande que a assistencia ouve embebida (e bem bebida).

O sr. João Martins Gonçalves, representando a Associação de Foot-Ball

de Braga, lembra-se dum pastel que enguliu logo ao principio do Braga de Honra e engasga-se.

A Direcção do Parque da Ponte, dessa quasi oitava maravilha, tosse para disfarçar.

Falam agora os homens da pena.

Augusto Martins entre dois golos (e foi quantos ele hipoteticamente meteu á gente) diz que gosta muito da rapaziada e que se não beija a careca do Leite é apenas por pudor.

O Luiz (tambem Martins) faz o relato do jogo que se ha-de seguir, agradece e retribui.

Se tivesse levado a maquina de escrever era um assombro.

Finalmente o representante do «Pirilito», lamenta que se forneçam bebidas alcoolicas a homens que se vão sacrificar durante 90 minutos. E' quasi expulso da sala por estar fora da ordem.

Vale-lhe uma manifestação de simpatia ao sr. Amorim Lima a que o «Pirilito» se associa tambem.

E a caravana segue...

O jogo

Trocam-se galhardetes. Arbitra um homem de casaco encarnado, o Germano Plebeu, porque o Germano Nobre era nosso, muito nosso.

Os diarios do Porto já descreveram o jogo em todos os seus promenores. Falaram em Technica e em Classe, duas senhoras que assistiram ao encontro mas que não chegaram a tomar parte nele.

O Talássico team do Porto mete duas magnificas bolas, da autoria do Sr. Corregedor. Mete mais uma que o Bracaró e barbaro juiz de campo invalida.

D. Technica e D. Classe protestam contra aquele atentado.

Amadeu Cruz, com um cinto de salvacao vestido, faz maravilhas entre as balizas. Numa das vezes defende uma bola cá fora e o arbitro valida um «goal».

Ah! miseravel!

Os melhores

Distinguiram-se dos dois teams», pe-

la arte, pela sciencia, pelo talento, os seguintes jogadores:

De Braga: José Duarte, Hilario Fernandes, Julio Gonçalves, José Guimarães, Lopes Bastos, Augusto Martins, Celestino Lobo, Julio Silva, Horacio Cunha, Cunha e Coelho L.^o e Alfredo Macedo.

Do Porto: Amadeu Cruz, Germano Nobre, F. Retorta, Dias Manso, Antonio Borges, Eloy Silva, Alberto Leite, Daniel Felgueiras, o Sr. Corregedor, Alberto Machado e José Maria Ferreira.

Da arbitragem é melhor não falar. Há coisas que custam.

O jantar

Ai que fome que a malta levava! E que menú!

Depois da mastigação o representante pirolitaceo inaugurou a série dos brindes.

Disse uma série de barbaridades e apenas a erto: na saudação que enviou ao illustre jornalista João Paulo Freire que se encontrava na sala do hotel.

Houve vivas, hurrahs, kiukas, etc. et.: e o director do «Dia da Noite» retirou-se comovido, apoz um discurso que emocionou a assistencia.

Falaram ainda os Martinses (Augusto e Luiz) e o Oliveira Junior, mas ninguem ligou importancia alguma ao que eles disseram.

O regresso

Na volta á cidade Invicta deram-se senas lancinantes e patéticas por culpa das saudades de que todos estavam proprietários.

O sr. corregedor tinha a mania que era barqueiro do Volga e atroava os ares com a sua triste e aflautada canção.

O Eloy e o sr. Doutor Mario Dias não quizeram que a camionette parasse em Famalicão para se meter gazolina.

O que é o egoismo humano!

Como já estavam cheios não deixaram encher os outros.

E a proposito do segundo encontro entre os mesmos plumitivos, o «Pirilito» exclama e exclamará;

A vingança vai ser terrivel!!!

FALTA D'AR

SIFILIS

Eu padeço da «Sifilis».

Com que trato?

Com *fricções mercuriais*; e quem me as applica é o José Balbino da Silva, que mora ali na Rua do Bom Jardim 169 Queiram V. Ex.^a procural-o e terão o necessário lenitivo.



PECAS de TIRO RÁPIDO

O PASSARINHO

Lever-de-rideau

Acto único

Scena primeira

MARQUEZA — (completamente pensativa)

Meus tristes olhos de sonho vagabundeiam sem norte!...

(Com um grito d'alma)

Que desespero medonho p'los vaivens da dura sorte!...

(Lendo uma carta dêle)

«Quando o rouxinol cantar

serás minha, porventura?

«Não vês o duro penar

de quem só te sabe amar

• e o teu halito procura?»

(Oculta a missiva num recanto confortavel do seio)

Cautela! que o crime espreita entre as flor's do platonismo!...

Se um dia o Marquês suspeita

que a minha paixão o enfeitais-me ás bordas dum abismo!

... Tenho medo!... Tenho medo!...

(Relembrando a epistola)

«... Quando o rouxinol cantar ...»

Cantará, de sol a sol,

mas,—oh tristeza sem par!—

como há-de êle cantar

se eu não tenho rouxinol?

Scena segunda

A MARQUEZA E UM PAGEM

O PAGEM—O formoso cavaleiro Godofredo do Bolhão, de ponto em branco e attaneiro, apcia-se no terreiro,

do seu fogoso alaião. E com voz encantadora e olhos como «briquetes», solicita-vos, senhora, apenas um quarto d' hora de «rendez-vous» dos grumetes!...

MARQUEZA—Reparaste, com cu'dado, se um rouxinol êle traz sob o manto aveludado? E's um servo dedicado.

(Atirando-lhe com uma bolsa cheia de ouro)

Vamos lá ver se és sagaz...

O PAGEM—(abrindo muito os olhos)

E' bem pouco natural ocultar, sob os gibões, qualquer passaro fatal, — um rouxinol, um pardal ou um par de tentilhões!

MARQUEZA — (resolv. da)

Muito bem. Manda-o entrar!

(o pagem sai)

Sou pura e ficarei pura!

«Quando o rouxinol cantar

«serás minha, porventura?»

O que posso receiar

e nã a passurada a zente

e meu marido tambem?

Scena terceira

A MARQUEZA, O CAVALEIRO

CAVALEIRO—Oh maravilha esplendente de beleza aurifulgente!

CAVALEIRO — Salvé, Flor da formosura,

Tu és Eburnea sem par!

Ave de Graça e Doçura!

Serás minha, por ventura?

MARQUEZA—(com o braço estendido solene, numa jura, forma

«Quando o rouxinol cantar!»

CAVALEIRO (radiante)

Quando cantar? Oh bendita entre todas as mulheres!

(Enlaçando-lhe a cintera de véspe)

Devagar meu peito agita esta paixão infinita!

MARQUEZA (espirituosa)

Quem tem vagar faz colheres...

Não ouseis vencêr á força

a palavra: que vos deil!...

CAVALEIRO (ousando)

O' minha divina côrça

por que n' minh'alma se esforça

e que nunca apanhareil!...

(Aproximando-se)

Deixai que eu sôrva os aromas, num dôce ilusão d'otical

(Cada vez mais proximo)

Confundamos os idiomas numa Babel poliglótica?...

(Absolutamente proximo)

E' o principio do fim!

Revirai o vosso olhar!

MARQUEZA — Para traz, vilão ruim!

«Quando o rouxinol cantar»

é que eu serei vossal—Assim,

guardai para melhor hora,

o fogo que vos consome...

CAVALEIRO—Mas, verificaí, Senhoral

—O rouxinol, com a fome,

tanto cantou, que até choral!...

D. NUNO.

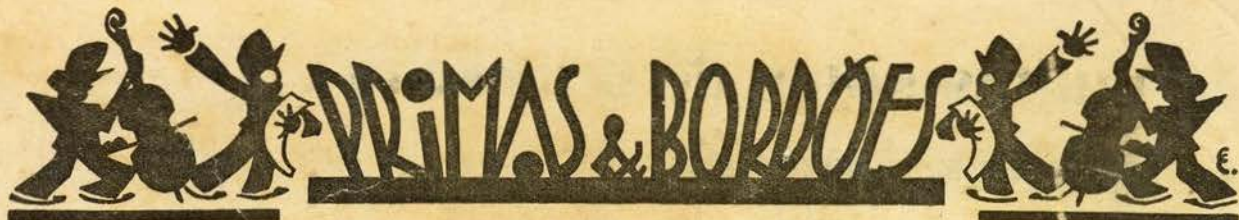
FIXE BEM

na Rua de Santa Catarina, 217

é, e sempre foi a CASA TOMAZ CARDOSO com deposito de cofres, fogões, camas, colchãoaria, trens de cozinha, etc.

..VENDAS A DIVULGADO E A PRESTAÇÕES..





Um prêmio de mil escudos

A quem se classificar em primeiro lugar [quatro vezes seguidas ou seis alternadas]

Temos prégado no deserto quando afirmamos que não serão publicadas glosas que não tenham as rimas absolutamente certas. A poesia é a mãe de todos os vícios e o cesto dos papéis o depósito literário das lucubrações artísticas de cada um.

Muita atenção portanto, se quereis ver em letra redonda os vossos cabalísticos versos

Recomeça hoje o nosso sensacional concurso. A'vante pelo Kilo!

Para o Mote

*O assaz sagaz Saraiva.
Tem a cara mais que suja.*

Recebemos as seguintes

GLOSAS:

P'ra beber verde do Paiva
O «Pirolito» deixou.
E nem sequer se lavou
O assaz sagaz Saraiva.
Na rua com certa raiva.
Temendo que a sede fuja,
Vai á tasca da Maruja,
Bebe um quartilho e depois
De beber quarenta e dois,
Tem a cara mais que suja.

NOVATO

Com medo e cheio de raiva
Anda muitíssimo aflito
Por cometer um delito
O assaz sagaz Saraiva.
Foi ontem ter com o Paiva,
Por sinal que é um grande intruja,
E aconselhou o a que fuja
De toda e qualquer maneira,
Pois se não passa a fronteira
Tem a cara mais que suja.

MARIA EDUARDA

Arnaldo: Disse-me o Paiva
Que estou melhor do sarampo;
Na doença poz o tempo
O assaz sagaz Saraiva.
Não imagina que raiva
Me deu esse grande intruja
E o Julio Brandão que fuja
Da minha ira infernal:
Quem rouba no Carnaval
Tem a cara mais que suja.

FERNANDO EDUARDO

Em casa do Barão de Paiva
No baile de terça-feira,
Fez grand: fiasqueira
O assaz sagaz Saraiva.
Dizia-me a prima Laiva,
Linda moça... qual coruja,
Chegue-se a mim não fuja,
É tanta minha opinião
Olhe o Saraiva, que rático!
Tem a cara mais que suja.

AULIREO

Fez-me cá tamanha raiva
Ver outra vez do bigode:
—Sinal de quem quer pagode—
O assaz sagaz Saraiva,
Que me fiz logo do a raiva
(Amigo que nunca intruja
E usa calças á maruja)
P'ra espalhar por esse mundo
Que o Saraiva, o grande imundo,
Tem a cara mais que suja!

VETERANO

Diz o Pina:—Pira: Paiva
Foi quem fez o filho á Fina!
Opina que foi o Pina,
O assaz sagaz Saraiva...
—Mas,—préga o Pina com raiva
Sobretudo sobrepuja,
Que o cujo filho da cuja,
Do préto Paiva provém,
Porquanto o filho da mãe
Tem a cara mais que suja?

REPORTER NIÇA

E' de arreliar o Paiva
Em época da carnaval
Fazer tão grande estendal
O assaz sagaz Saraiva.
Porem, de tudo,—que raiva
Nem que á taponna fuja
Nem de calça á maruja,
O Saraiva escoteiro
—Quer queira ou não o brejeiro—
Tem a cara mais que suja.

SIX

Que arrelia! Causa raiva
Esta grande confusão
Que obriga a ser trapalhão
O assaz sagaz Saraiva.
Preciso que o diga o Paiva
P'ra que a duvida fuja
Se é o que brinca á maruja
Se é o da tipografia!
Um deles, que arrelia
Tem a cara mais que suja,

SIX

Coisas há que me dão raiva,
Até fico aborrecido,
Ver tão porco assim vestido,
O assaz sagaz Saraiva!...
Bem haja o amigo Paiva,
Com amasia na Azambuja,
Que ás roupas da dita cuja
Tira as nodoas finalmente,
Contudo o Paiva inocente,
Tem a cara mais que suja!!

ZEPHYRO

Disse-me ontem o Zé Paiva,
Natural de Parafitas,
Já papon dois Jesuitas,
O assaz sagaz Saraiva.
Todo ele arde em raiva,
Fica com olhos de coruja,
Quando a mulher o intruja.
Mas por mal dos seus pecados,
Por lhe dar tantos linguados,
Tem a cara mais que suja.

TORQUA-GUEIRO

Deu-se em Castelo de Paiva
Um caso sensacional
Segundo li num jornal
O assaz sagaz Saraiva.
Foi atacado de raiva
E agora ao verem a coruja
Não há ninguém que não fuja
Pois o grande camafu
De tantos tombos que deu
Tem a cara mais que suja.

QUIM GRANDE

Eu sei bem que me tem raiva
Eu sei bem que não me grama,
Esse fadista da trama
O assaz sagaz Saraiva!
Foi de Castelo de Paiva
Para o pinhal d'Azambuja,
Mas a mim já não me intruja
Porque eu conheço he a trêta
Tem a alma mais que préta
Tem a cara mais que suja!

VIMAR

Mole a concurso

*O' rua de Cedofeita
Juncada de pedregulhos.*

Lêr ás segundas e quintas-feiras

O Spring

Ha muitas solas de borracha .
Ha muitas imitações
mas . .

A SOLA INGASTAVEL

B R O C K M A N

É INIMITAVEL

**UN ENFANT
PEUT POSER**



**LA SEMELLE
"KISS-KOLL"
"BROCKMAN"
ÉLÉGANTE, INUSABLE, HYGIÉNIQUE**

N.º unico no deposito das fabricas
**ATLAS, PORTU-
GAL e CASA LINO**
e nas boas sapatarias

Colocação gratuita durante a

Semana

de _____

Agasalho

Impermeavel

Stand n.º 1

Rua Sá da Bandeira, 153 a 157

Stand n.º 2

Rua 31 de Janeiro, 111 a 113